2.ª SERIE. TOMO V.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 7. QUINTA FEIRA, 26 DE AGOSTO DE 1852. 12.º ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

A REFORMA DA PAUTA.

I

A reforma da Pauta era uma necessidade geral, reclamada pelos mais poderosos interesses da sociedade.

O productor, o consumidor, e o thesouro, reclamavam com justa instancia esta reforma.

As necessidades do thesouro, procurando um falso e precario auxilio na contribuição indirecta, haviam elevado o direito de algumas materias primeiras á ultima exaggeração, ao passo que os direitos addicionaes por mais de uma vez perturbaram completamente o systema da pauta.

O desenvolvimento da industria parava ou se enfraquecia ante o elevado preço da maioria dos seus elementos.

O productor só esperava da reforma a satisfação do que reclamava para poder continuar a produzir, para ampliar a producção, e para a baratear em proveito geral.

O consumidor, que se não podia, ou não queria aproveitar dos productos que o contrabando trazia ao mercado, ou se privava da satisfação de muitas necessidades e commodos da vida, ou perdia uma parte do seu capital no excesso do preço que em alguns casos o monopolio arbitrava ao producto.

O consumo das nossas importações chegava a ponto, que no caso em que o contrabando era impossivel, havia quasi sempre em qualquer compra uma verdadeira perda para a riqueza nacional.

O consumidor portanto, era, pelo seu interesse, que é o interesse geral, o promotor de importantes reclamações, a que tambem a reforma devia attender.

O thesouro tinha o seu rendimento completamente viciado pelo contrabando, e pelo peso da carestia de generos que se não podiam contrabandear, mas que opprimiam e acanhavam a producção nacional.

E neste sentido a organisação do contrabando chegára a ponto que nenhum governo poderia, sem commetter, mais do que um erro, um grave crime, deixar de prestar a este foco de immoralidade e de prejuisos para a receita publica a sua mais séria attenção.

A reforma annunciada como muito proxima, altamente pedida como necessaria, foi confiada a uma commissão, baseando o governo a iniciativa da reforma projectada no systema protector.

Ha tres annos que propagamos e defendemos consecutivamente este systema, e mais de uma vez fomos por causa delle até desabridamente tractados pelos que levantavam o grito absurdo e insustentavel de *abaixo as pautas*. Mas sempre defendemos a protecção nacional, a que se baseasse em inqueritos e exposições. Por mais fraco que podesse ser o nosso apoio, jámais se prestaria a qualquer reforma que não assentasse no systema protector. Não recuamos ante nenhuma consideração para cumprirmos fielmente o que deviamos aos nossos principios. Combatemos como precipitado e perturbador dos interesses industriaes, pelo modo como se apresentou, o inquerito da camara de 1850, e com satisfação vimos os effeitos nullos da opinião contraria á nossa. Impugnamos o systema de reforma adoptado por um ministro a quem nos liga a mais intima amizade, porque nos pareceu inconveniente para a

industria que o governo, sem se declarar dominado por um pensamento certo e definido, viesse provocar a discussão das associações e da imprensa com um projecto a que apenas chamava thema para discussão.

Vimos com satisfação o plano traçado pelo governo ao annunciar a projectada reforma; aceitámos, portanto, a parte do encargo penoso e desinteressado que nos era distribuido; temos honra em partilhar a responsabilidade do que já se tem feito em tal reforma, e confiamos bastante nos nossos collegas para antevermos desde já que nos será tambem honroso ter parte na responsabilidade dos trabalhos futuros.

Os interesses geraes da nação estavam tão altamente prejudicados com a pauta, que era mister adoptar provisões urgentes que acudissem aos funestos resultados que estavam sofrendo. E nesta situação o dever mandava que, cedendo á força de factos evidentes, a Commissão pozesse de parte a reforma da classificação absurda e impossivel da pauta para em uma tabella adicional dar um remedio prompto ao mal que por todos era conhecido, e para apresentar uma prova plena dos principios protectores em que assentava os seus trabalhos.

O que já publicou prova plenamente o que deixamos apontado. Examinem-se os trabalhos da Commissão sem espirito preventivo nem apaixonado, fechando ouvidos ao cego, e mal intendido interesse individual; não se occulte o bem incontestavel, para só fazer vêr o que se julga mal e o não é, e depois formule-se a accusação, pois que de prompto cairá ante a opinião publica.

Mais de uma vez temos sustentado que não basta organisar as pautas em bases racionaes para desenvolver a industria, e que é mister tambem estabelecer o credito, e fazer das estradas uma realidade.

Mas era impossivel esperar que estes dois meios viessem juntar-se á pauta para lhe reformar os direitos que afugentavam as materias primas do trabalho nacional; e os que protegendo exaggeradamente certos productos só fundavam e entretinham o contrabando. Poderão ser suspeitos á causa da verdadeira protecção do trabalho nacional os homens que aconselharam e propozeram reducções consideraveis nas mais importantes materias primeiras desse trabalho?

A prova de que assim procederam é a comparação do direito antigo de algumas materias primas, como os metaes, o linho, as sedas cruas, os productos chimicos, comparado ao direito novo.

Duas industrias se julgaram offendidas com a reforma; a do fabrico do acido sulfurico, e a industria das sedas. O modo como as reclamações da primeira tem sido dirigidas exige para ella uma consideração especial. A reducção já annunciada de 10 réis em arratel no mesmo acido sulfurico, que até hoje se vendia a 40 réis, prova que a commissão assentara em bases seguras o direito sobejamente protector de 300 réis em arroba. É sabido que sendo o preço do acido em Inglaterra de 15 a 18 réis, os premios subidos do seguro para o seu transporte, o frete e as commissões o trazem a Lisboa por mais de 20 réis em arratel, sem contar o direito que deva pagar; existe portanto neste caso mais do que uma protecção rasoavel. O fabricante em Lisboa sem tal direito podia e devia vender o acido a 20 réis o arratel. Nós sabemos que podia e devia, e confiamos em que o interesse individual se não ha de cegar a ponto que nos obrigue a voltar ao assumpto.

Em relação á seda ha dois pontos a considerar: fixaram-se direitos em productos que se não fabricam no paiz, e em productos que se fabricam; em ambos os casos era mister olhar para a pauta de Hespanha; subir mais alto do que ella era fechar as portas das fabricas para jámais se abrirem. Alguns fabricantes, allucinados pelo que julgam a sua conveniencia, que não é senão a sua ruina, esquecem ainda mais do que estas considerações, não se lembrando do contrabando espantoso que invade todos os mercados, e que perfeitamente organisado era quasi um poder legal no paiz. Os fabricantes pedem a pauta antiga, reclamam o direito absurdo e prohibitivo de 7$200 rs. e de 6$000 rs. em arratel de seda, e esquecem-se de que a pauta do contrabando havia completamente annullado essa taxa exorbitante. Com admiração nossa vemos que não tiveram vozes para clamar contra uma situação anomala que havia estabelecido dentro do paiz uma liga de alfandegas contrabandistas. O escriptorios destas alfandegas não se recatavam muito, nem as suas pautas deixavam de ter a conveniente publicidade. Era tão perfeita a sua organisação que acertadas ligações os correspondiam com os paizes estrangeiros, e no Havre lá se lê em uma taboleta — « *aqui se contrabandeam sedas para Lisboa.* » Ao norte do reino as associações de contrabando já se tinham formado em commandita, e emittiam-se acções,

deixando tal lucro que nomes conhecidos levantavam dinheiro a 12 por cento para irem entrar nellas. Acudindo a tão grave e verdadeiro perjuiso de industria da seda foi ainda possivel fixar-lhe um direito protector, e não será difficil provar que em alguns casos tal protecção é de 400 rs. em covado. O direito de 2$500 em arratel não podia ser excedido para as sedas, porquanto ellas pagam na sua entrada em Hespanha, em bandeira nacional, 2$285 rs. e 2$835 rs. O direito protector do veludo não podia subir a mais de 3$000 rs.; porquanto em Hespanha, onde este genero é fabricado em muita maior escala, é protegido com o direito de 3$219 rs. Deve notar-se que em Hespanha o direito de entrada dos blonds da seda é de 3$780.

A Pauta do contrabando em Lisboa e Porto era de 3$000 rs. por arratel de seda; desta somma só 1$200 representavam a parte do contrabandista. O direito de 2$500 é portanto positivamente protector, porque já fére o interesse do contrabando. Os lenços de seda tinham um despacho mais facil nas suas numerosas alfandegas; por 1$000 rs. o arratel era possivel segurar qualquer partida. O direito de 800 rs. portanto era o unico possivel.

Julgamos conveniente que as paixões e os falsos interesses não provoquem revelações que por em quanto são desnecessarias. Mas saibam que todos os factos são conhecidos; que ha homens que prezam bastante o seu nome para defenderem com a verdade o seu procedimento em favor dos verdadeiros interesses da industria; — « por mais fatal que elle possa ser a quem os considerar desleaes aos seus principios e á sua missão.

Sendo inquestionavel que o direito arbitrado á seda é protector, só resta examinar a questão do praso de um anno pedido pelos fabricantes para que vigore o antigo.

Ficando por impugnar a rasão incontestavel do direito não percebemos o pedido do praso. Os fabricantes, em um anno, não podem de modo algum diminuir as despezas de producção. As circumstancias do fabrico serão iguaes ás de hoje; não é facil de admittir a invenção de um methodo que o mude; portanto o praso em nada os favorece, ao passo que é bastante para fazer chegar a inundação do contrabando a ponto de lhe fechar as fabricas, pois que a sua perfeita organisação lhe dá meios para isso, conservando-se o direito da pauta superior ao seu premio de risco.

As considerações geraes que temos de continuar sobre a reforma da Pauta, nos conduzirão a todos os artigos que se comprehenderam na reforma já feita.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

ENFERMIDADE DA VINHA.

Historia. — Remedios.

Esta doença, ainda ha poucos annos totalmente desconhecida, não só destroe o fructo, mas até damnifica a planta.

Uma opinião popular que não merece desattendida considera a enfermidade das vinhas e a das batatas como açoute da Providencia, e chama-lhe a cholera das vinhas, a cholera das batatas.

A sciencia deixa a cada um a liberdade de pensar a este respeito a seu modo e conforme seu juiso; mas, é do seu dever inquirir as causas e os remedios de tão graves damnos.

Resumiremos em poucas palavras as observações de muitos sabios e de distinctos horticultores.

A enfermidade da vinha foi observada a vez primeira em 1845 por um jardineiro de Margate, chamado Mr. Tucker, o qual certifica que as videiras, cultivadas quer nas estufas quer nos terrenos descobertos, tinham os cachos e folhas cheios de umas eflorescencias brancas que lhes davam o aspecto de vegetaes cobertos, de um pó finissimo. A grainha dos cachos inchava, e rebentavam e desfaziam-se: as folhas e varas salpicavam-se de manchas negras e definhavam-se.

Submettida esta eflorescencia á analyse microscopica de Mr. Berkeley, descobriu este sabio que era formada por um desses fungos ou cogumellos, parasitas tão perjudiciaes a muitas plantas. Reconheceu-a por uma especie nova, e deu-lhe o nome de *oidium Tuckerii* em rasão do primeiro observador.

A exactidão das observações de Mr. Berkeley foi confirmada pelo celebre monographo das cryptogamas, Mr. Montagne, e póde reconhecel-a qualquer pessoa que tenha um bom microscopio.

Em 1848 manifestou-se a molestia nas estufas do barão de Rothchild em Suresnes: em 1849 foram examinadas as vinhas dos arredores de Suresnes e Puteaux, e observou-se que o mal fazia horriveis progressos. Em 1850 Paris e todos os seus contornos foram invadidos. Em 1851 appareceu na Italia com muito incremento, particularmente no Piemonte e na Toscana; e destruiu pouco depois todas as uvas do departamento do Sena.

No anno corrente mostrou-se de novo em Paris, e um pouco mais tarde, ainda que com igual intensidade, em varios departamentos; n'outras partes com mais lentidão e menos gravidade nas parreiras que haviam sido devastadas no anno anterior. Algumas, e até vinhas, que padeceram nos annos precedentes, acham-se na actualidade mui

sãs e mui bem dispostas. As famosas parreiras de Tomery, proximo de Fontainebleau, que surtem Paris de uvas summamente apreciadas não tem sido atacadas, nem no presente anno, ao passo que em Versailles continúa, o mal especialmente na extensa horta onde existem as antigas cepas de que Luiz XIV colheu uvas. Certifica-se que em varios departamentos do sul da França reconheceram-se recentemente os symptomas do mal, e por consequencia sobe consideravelmente o preço dos vinhos.

A Italia ainda está sendo visitada por esse terrivel hospede das vinhas. Na Grecia perderam-se pelo menos dois terços das vinhas de Corintho; ha tristes noticias de muitos districtos vinhateiros da Hespanha, e das margens do Rheno. O continente de Portugal e a ilha da Madeira soffreram ultimamente a invasão da molestia.

A apparição do *oidium Tuckerii* que empestou neste anno quasi todas as uvas dos arredores de Paris é um mysterio. O que póde deduzir-se das observações mais minuciosas é que nasceu nas estufas sem fogo *(serres)* onde as vinhas são submettidas a uma cultura forçada, e desenvolveu-se primeiramente debaixo da influencia de uma temperatura de mais de 20 graus centigrados. Multiplicou-se a fatal parasita que medrou nas terras de lavoura, e espalhou-se pelas cercanias dessas mesmas terras nos mezes mais calmosos do anno, junho, julho e agosto, epocha em que se reunem as condições mais favoraveis ao seu desenvolvimento.

Na actualidade adverte-se que nos dias mais calorosos a propagação é tão rapida que parece instantanea; nas parreiras expostas ao sol desenvolve-se a molestia mais energicamente.

Como é um facto (continúa o jornal francez que temos seguido) que a enfermidade da vinha nasceu nos terrenos lavrados; e visto que são precisas para a propagação condições de temperatura elevada, e que o frio prejudica o pollen propagador; eis porque o *oidium Tuckerii* se obstina a visitar-nos todos os verões ha alguns annos a esta parte, em que apenas temos tido inverno em Paris.

Cumpre observar que houve atrazo manifesto e até sensivel diminuição da molestia, sem duvida em consequencia de ter n'alguns dias baixado o frio a 4 e 6 graus centigrados no ultimo inverno, e tambem por causa da fresca primavera prolongada até junho. O contagio declarou-se em Paris, este anno, só em consequencia dos excessivos calores que nos vexaram de 7 a 18 de julho.

Muitos expedientes se propozeram para obstar aos progressos do *oidium Tuckerii*: ensaiou-se a agua de breu, a de sabão, a agua levemente salgada, mas breve se conheceu que nenhum destes meios prestava. A agua pura vasada em grande quantidade deve produzir melhor resultado, porque a grande tempestade que descarregou em Paris no dia 18, produziu notaveis melhoras, que ainda tinham sido mais admiraveis depois da torrente de agua que cahiu em 6 de agosto de 1850.

O meio que deu melhor resultado a M. Tucker, consiste em regar as plantas com uma mistura de flor de enxofre e agua de cal.

Depois experimentou-se a rega com agua pura, seguida da aspersão da flor de enxofre por meio de uma mangueira fina, com um folle especial que arroja convenientemente a flor de enxofre sobre os caxos e as folhas picadas, sendo primeiro que tudo bem humedecidas.

Algumas vezes é preciso repetir a operação, mas o resultado é infallivel se fôr praticada com cuidado nos primeiros dias do começo da molestia. Desta maneira, no anno ultimo, m. Gastier, padre de Montrouge, poude salvar as suas uvas. O jardineiro do general Jacqueminot, em Meudon, conseguiu perservar ou sarar as formosas vinhas, que cultiva, por meio de toldos que as cobrem. M. Hardy, director do jardim do Luxemburgo em Paris livrou do mesmo modo muitas cepas; e foram victimas do contagio aquellas que deixou de resguardar assim. Mas, este methodo seria difficil de pôr em pratica em as vinhas de consideravel extensão. Procurou-se e esperou-se achar meio mais simples, mais economico de tempo e dinheiro, e mais facil de empregar na grande cultura.

Alguns homens scientificos perguntam, qual é o effeito do enxofre neste caso, se é absorvente ou adstringente: pensam que dada a primeira propriedade poderia servir mais vantajosamente o carvão pulverisado, que com effeito é um absorvente mais activo; porém, supponda que assim seja, nada se adiantaria sob a influencia do tempo e em presença dos obstaculos.

Parece mais provavel que o enxofre exerça uma propriedade toxica contra o *oidium Tuckerii*, o que inculca o uso do hydrosulphato de cal, que parece reunir, como remedio contra o mal da vinha, todas as condições mais favoraveis, de efficacia, economia, promptidão, facilidade e conveniencia.

O hydrosulphato de cal foi experimentado com bom exito no anno preterito em o horto de Versalhes dirigido por M. Harely filho. No do Luxemburgo emprega-o este anno M. Hardy, para as cepas que possue de todos os paizes, e nos disse que confiava nos bons resultados de suas operações mui destramente praticadas e mui pouco custosas.

Eis como se prepara e usa o hydrosulphato de cal contra o *oidium Tuckerii*.

Toma-se meia libra de cal viva que se caldeia e se mistura com outra meia libra de flor de enxofre, e se faz uma pasta que se dilue n'uma vasilha de barro em nove quartilhos de agua, fazendo-a ferver bem por dez minutos, tendo o cuidado de abanar a vasilha de quando em quando; deixa-se esfriar e assentar; e depois de haver tirado a agua clara que resulta da mistura fervida, mette-se o liquido em duas garrafas, onde póde conservar-se dois a tres mezes.

Tres quartilhos desta preparação são sufficientes para seis almudes e tres canadas de agua pura: a

mistura seria demasiado forte e queimaria as folhas sendo menor, uma quinta parte que fosse, a quantidade de agua. Com esta porção de mixto, ou hydrosulphato de cal, se molha, por meio de um regador, perto de 70 braças de superficie das vinhas contagiadas. Para as operações maiores dobra-se, triplica-se, ou quadruplica-se a dose; porém, sempre nas mesmas proporções.

Até agora se tem feito esta operação tres vezes ao anno nas vinhas invadidas da molestia e curadas com o hydrosulphato de cal; porém, ha poderosas rasões para crer que fazendo-se a operação uma vez antes de deitarem a flor, e outra vez quando tem vingado o bago, seriam bastantes; e não se repetiria a operação sem apparecer novamente o mal, que é necessario observar com a mais escrupulosa attenção, porquanto se vê que é mais facil destruil-o quando começam os primeiros symptomas.

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XXXI.

TODOS FALLAM, E POUCOS ENTENDEM!

(Continuado de pag. 70.)

—« Sempre o receei! » murmurou comsigo o padre « O mundo é assim. Uma creança, um grão de areia, um sopro, derrubam o gigante, quebram a machina, ou desarreigam a arvore. Altos juizos de deus! Este homem que na flor da idade olhava para a morte como os heroes antigos, deixa agora o pé delicado de uma mulher pizar-lhe sem dó o coração, e sujeita-se... O seu amor fel-o tão debil que não se atreve a existir com a saudade e a dôr por companheiras! Não tem animo para carregar com a vida!.. Eu lh'o darei. Uma desgraçada paixão não m'o ha de abater obscuramente; sou como segundo pae, porque o levei nos braços ao altar aonde se consagrou ao instituto... Não posso deixal-o assim!... Veremos quem vence; se os caprichos de uma donzella incapaz de avaliar o thesouro que despresa; se os conselhos e o amor de quem trabalha pela gloria de seu filho... Contei com elle; a companhia precisa de homens da sua grandeza... Não quero que me vá procurar uma bala de proposito, e morrer de desgosto no fosso de alguma das praças de Andaluzia. »

Em quanto reflectia deste modo, encubrindo a agitação do espirito, e sopitando os impulsos da alma, que elle proprio julgava menos activa na amizade, Diogo de Mendonça, cortando de repente o colloquio, voltou para os seus amigos, e disse ao commendador com um sorriso forçado:

—« Temos grande novidade, sr. Lourenço Telles! Telemaco quer fugir da ilha de Calypso!... Não adivinha o que me pedia agora o sr. Jeronymo Guerreiro? Deseja ser mandado reunir ao exercito do marquez das Minas, porque está por dias rompendo-se uma batalha! O que diz Nestor? »

—« Nestor » acudiu assombrado o erudito « diz cheio de pezar, que os rapazes deste seculo não se entendem. Queixa-se da ingratidão do seu pupillo em se separar delle, quando o deixa com os pés na sepultura! »

—« E mais não se tocou ainda na magoa de Ariadna, se vir Theseu ausente?! » ajuntou o diplomata.

—« Ariadna ha de consolar-se! » redarguiu o mancebo com ironia.

—« Não o deixe partir! » murmurou o jesuita ao ouvido do ministro. » Elle não vae á guerra para combater, vae para se matar. Observe aquelles olhos, e diga se me engano. »

—« Tem rasão... mas isto o que é? » perguntou o secretario das Mercês.

—« Voltas do mundo! Um grão de areia que fez partir a roda. Note, sr. Diogo de Mendonça, que nos homens de maior alma quasi sempre ha uma coisa em que são mais creanças do que as creanças. Acredite-me; tracte de evitar esta desgraça. »

—« Não tenha cuidado. Nós o entreteremos. *Festina lente!* é a minha divisa. Não faltarão pretextos para o demorar sem se lhe dizer que não... mas que vêspa lhe picou? »

—« Sempre a historia velha! » tornou o visitador encolhendo os hombros e acerando o riso á flor dos beiços. « Sansão e Dalilla; Dido e Armida! A traducção vivente do *saucia cura* da Eneida de Virgilio... »

—« Ah, julguei peior! Então acha que não passa de ciumes?... »

—« O ciume em homens assim... paga-se caro. É capaz das maiores loucuras, acredite. Se o visse risonho desafiar os tormentos e esperal-os serenamente... não se admirava. »

—« Este rapaz, pelo que observo, excita o interesse de v. paternidade? »

— « Sr. Diogo de Mendonça, estou velho, e julgo que me fará justiça, não me suppondo propenso a grandes leviandades; estimo o que é nobre e digno do poder de Deus... Este mancebo tinha nascido para ornar Sparta ou Roma; não digo mais. O que sei delle, o que avalio do seu coração e do seu espirito... para que hei de disfarçar com um amigo? É verdade: prezo-o tanto que, se fosse preciso, para o salvar, punha em um dos pratos da balança a fortuna da companhia, sem me arrepender! »

— « Com effeito?... É mais do que interesse, agora vejo » replicou o ministro meditativo. « E de v. paternidade, juiz tão competente!... Muito bem. Entreguemo-nos nas mãos de Deus; e Theseu não fugirá aos carinhos de Ariadna; fie-se de mim. »

— « Pelo contrario. A Providencia permittisse que sim, mas sem desgosto nem perigo... O maior inimigo da gloria de Jeronymo é esta menina. Solteiro não vê senão pelos olhos della; não respira senão pelo seu amor. Depois de casado, imagina que o seu coração fica sendo o mesmo? Com um sorriso, com cadeias de rosas, ha de atar-lhe as mãos, e não o deixar ser senão esposo. »

Em quanto isto se passava entre os dois alliados, fr. João e Lourenço Telles trabalhavam debalde por despersuadir o noivo de Theresa. As suas respostas firmes e concisas guardando o segredo da donzella, e occultando sempre o verdadeiro motivo, que o influiu, tiraram toda a esperança ao erudito e ao seu amigo frade.

Um signal disfarçado do secretario das mercês ao commendador, e duas palavras do jesuita ao ouvido de fr. João, fizeram cessar a contenda, parecendo que todos condescendiam com os desejos do mancebo.

— « O nosso Marte não nos quer ouvir? » disse o ministro batendo-lhe no hombro com a maior cordealidade. « Não o contrariemos. No fim não é uma desgraça. Irá correr pela posta até encontrar o marechal de Berwik... que lhe dispensa a visita, aposto eu! Por hoje basta de negocios. Como diz Horacio, mais amigo do falerno do consul Opimio do que das fadigas da gloria militar: *Nos humilem feriemus agnam*... Mas ahi vem as graças, e com ellas captivos os sorrisos, como quer certo poeta... frade do teu convento, fr. João. Estamos no paraiso! »

E adiantando-se com a galanteria e o garbo de um cortezão perfeito, Diogo de Mendonça beijou a mão de Catharina, deu um osculo na testa de Cecilia, que se fez vermelha, e beliscou de leve a orelha de Theresa com a intima confiança de um amigo, que a trouxera ao collo.

— « Fomos pontuaes?... » disse rindo ao commendador a noiva do conde de Aveiras « Ah, o sr. padre Ventura! Sabe que lhe ia querendo mal? Não me tornar a vêr desde que estou aqui! »

— « Deus a abençôe, filha, e a faça tão feliz como desejo! » respondeu o jesuita dando-lhe a beijar a manga, e sorrindo-se para ella. « Então diz-me que por um instante estive em risco de me perder a amizade? »

— « De certo... Uma ausencia tão longa! »

— « Os ausentes esquecem, é ordem do mundo... E a minha donzella Theodora, a menina bonita, está mal comigo tambem, e faz-se vermelha? »

— « Eu, sr. padre Ventura!... » respondeu Cecilia abaixando a vista diante dos olhos prescrutadores do visitador.

— « Pois quem? Não pergunta, não deseja que lhe diga nada desde que nos não vêmos?... »

— « Sou tão pouco amiga de saber!... »

— « Quando sabe?... Ora pois. E da cabecinha como vamos? O coração vejo eu nos olhos... sempre bom e compadecido. Muito bem! » E chegando-se mais de modo que só ella ouviu. « Meditou no que lhe disse em Santa Clara, aquella tarde? Estão entretidos, perca o susto! Não entregue nunca a sua alma antes de conhecer a quem. Depois o remedio é chorar; e as lagrimas nada remedeiam. »

Entretanto fr. João inquiria Theresa, contando-lhe o que acabava de acontecer com Jeronymo. Ella, dissimulando, respondeu que ignorava, promettendo dissuadir o noivo.

Ao mesmo tempo, levantou a vista, e encontrando a do mancebo, achou-a severa e sombria, fez-se branca, e passou-lhe pelo coração um frio tão grande, que a teve quasi desmaiada.

Lourenço Telles chamou por Jasmin:

— « Aonde foi meu sobrinho; que é feito delle? » perguntou. « Porque está invisivel? »

— « Ia a sahir agora da copa » disse laconicamente o escudeiro.

— « Da copa?... O que foi elle lá fazer? »

— « Não sei. O sr. capitão prohibiu que o acompanhassem. »

— « Sobre queda couce! » disse o erudito a fr. João em meia voz. « Filippe não se deita sem me transtornar alguma coisa. »

— « O abbade que se acautele! » redarguiu o frade encolhendo os hombros.

— « Ah, fr. João, quasi que tenho pena, que Filippe não morresse... assim como assim, o desgosto passado estava, e escusavamos de o aturar. Seja feita a vontade de Deus! Chegou finalmente sua magestade. »

A ultima phrase alludia á entrada do capitão da Sereia, que se apresentou homisiado na casaca talhada para tres larguras suas, amortalhado nas rendas dos punhos, da tira, e da gravata; e litteralmente carregado de bordaduras tão exoticas e assarapantadas, que Lourenço Telles de as vêr ficou fora de si. Diogo de Mendonça mordeu os beiços e esgueirou pelos cantos da bocca um meio sorriso, que foi casar-se com o geito ironico, que afilava os labios do jesuita; fr. João soltou uma gargalhada cordeal; e o inventor do livro dos Pavões deixou fugir pelo rosto perplexo uma visagem ainda mais duvidosa do que a sua erudição.

— « Eis-me aos seus pés, querido tio da minha alma! Mestre mandar, preto obedecer! Aqui venho a todo o panno! Esperem. E esta? Vou ferrar nos segundos rinzes este demonio. » Era a gravata, cujas pontas insolentes lhe accommettiam o beiço inferior. « Sr. padre Ventura, um seu creado. Agradeço-lhe muito o Santo Antonio, que deu a Magdalena; cada vez está mais tola com elle. Tenciono um destes dias pendural-o pelo pescoço dentro do poço, só com a cabeça fóra de agua... Quero vêr se o ladrão do Santo manda chuva, ou me deixa seccar o cebolinho... »

— « Cala-te, impio! » gritou fr. João irado.

— « Impio é elle! Cuidas que não se sabe que te mettes no côro a dar graças a Deus em peccado mortal? »

— « Filippe » exclamou o commendador « advirto-o de que está com as pessoas que vê... »

— « Se eu as vejo, se ellas me veem, todos nos vemos, tio. É claro como agua. »

— « Bem. Então espero que se lembre das minhas recommendações. »

— Fique descançado. Meu amigo » gritou o marido de Magdalena apontando grosseiramente para o abbade que se encolheu diante do gesto provocador « não me escapa. Os trocos daquellas continhas são para outro dia. Não os perde por esperar. » Voltando-se para o padre Ventura, que lhe cahira em graça, ajuntou muito alto: « Vê aquelle caracol, para não dizer seresma que o tio não gosta? Filippe me não chame, se elle não tragar gato e lagarto e não for moido com um sacco de areia até Judas gemer Jesus! »

— « Filippe! » exclamou severamente o erudito, ouvindo a jaculatoria.

— « Ah, padre mestre, o selvagem cada vez está peior! » suspirou o auctor da carta a Lucio Floro.

— « Hade-lhe passar! » respondia o jesuita com o sorriso obsequioso. « Sua illustrissima, de proposito, era incapaz de o offender... »

— « Qual! Aquillo é um alicanço! Ainda hoje... por amor delle foi posto na rua o Domingos, o melhor creado que tenho tido. Ha de endoidecer-me o tio. »

— « Não se cegue sem rasão. Veja primeiro... »

— « Vejo como um lince, acredite, sr. padre Ventura. Aquelle demonio some-se na cova de um dedal. Um dia ainda hei de ir a levantar a tampa á terrina, e elle saltar-me á cara! Dahi, tambem se mette a bôbo. A primeira vez, que o vi, fez de mim palito para as suas graças, chapando-me na bochecha: *Medoro torce il nazzo.* Sem nariz fica elle um dia. Não me tente! »

Dito uma oitava acima, o aparte foi geralmente ouvido, e deu em resultado pôr escarlate o abbade, roxo o dominico, e quasi apopletico de vergonha o commendador.

— « Vamos para a meza! » disse o velho sabio devorando a raiva. » Passe adiante, Filippe. Muito obrigado, sr. Diogo de Mendonça, Cecilia podia ir só e escusava de o incommodar. A minha bella inimiga concede-me a honra de a guiar; o sr. abbade irá ao nosso lado para rebater as murmurações do mundo! » concluiu com um sorriso. « Sr. padre Ventura, confio á sua bondade o nosso doente fr. João... Sem cumprimento! »

— « *Redolet fragrantia mella!* » exclamou o procurador de S. Domingos, a quem o estomago de convalescente principiava com exigencias. « V. paternidade sabe que lendo as bucolicas de Virgilio tenho verdadeira pena de que o pagão se não salvasse?... »

— « Não podemos dizer... A misericordia de Deus é infinita. Como estamos nós de Arcos? »

— « Beijo muitas vezes as mãos de v. paternidade... O senado já fez recolher os vendilhões, e o hospital prometteu entrar comnosco em accordo. Os homens pagam! »

— « Não lh'o dizia eu? »

— « Assim vai tudo optimamente; a paz é uma santa coisa. »

— « Ás vezes... A habilidade consiste em a ajustar a tempo. » replicou o visitador com um sorriso fino.

Conversando e rindo amigavelmente os dois padres entraram na casa de jantar, seguindo o resto da companhia.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(*Continúa.*)

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO XXXXVIII.

O DUELLO.

(Continuado de pag. 46.)

Francisco d'Albuquerque, Luiz de Mendonça e o jesuita dispunham-se a cear, e a integridade da perna de carneiro já tinha sido atacada por mais de um golpe, quando duas rijas pancadas na porta os vieram pôr em sobresalto. Os dois mancebos deitaram mão ás pistolas que tinham tirado dos coldres e posto sobre a mesa, e o jesuita correu á porta.

— Quem bate ahi? — perguntou este.

— É de paz quem bate — respondeu de fóra um homem cuja voz tinha accento estrangeiro.

— Não se abre a esta hora.

— Abra que eu tenho que fallar com dois viajantes que entraram agora mesmo para aqui.

— Vá seu caminho, que se não abre a porta.

— Teem medo de um homem só, tantos que lá estão dentro! — exclamou o estrangeiro.

— Abra a porta e deixe entrar — disseram ao mesmo tempo os dois moços fidalgos de D. Pedro, em quem estas palavras excitaram colera.

Mal o jesuita abriu a porta, entrou um homem, que, vendo os dois amigos de pistola em punho, soltou uma risada, bradando:

— Não acreditaram ainda que sou de paz, e amigo! Louvado Deus que me inspirou as palavras, que fizeram abrir esta porta, senão ficava na rua.

Albuquerque e Mendonça reconheceram logo no recem-chegado Estevão de Castilho, o criado francez da rainha, que, como já se disse n'outro capitulo desta historia, estava justo a casar com Mademoiselle Ninon d'Amuraude. As pistolas cairam sobre a meza, e as mãos estenderam-se para o estrangeiro, a do capitão com a espontaneidade juvenil que nelle se manifestava em todos os actos da vida, a de Mendonça lentamente e a custo, como se a detivesse um presentimento. O francez recebeu os comprimentos como recebera as ameaças, a rir: e, logo que prendeu o seu cavallo aonde estavam já os cavallos dos criados do infante, veio sentar-se á meza e foi o primeiro a atacar a cêa e a provar do vinho.

A fome era grande em todos, e durante um quarto de hora não se ouviu palavra em roda daquella meza: mas no fim chegou, como chega sempre, a saciedade, e então Estevão de Castilho rompeu o silencio, dizendo:

— Hão de ter curiosidade de saber o que me trouxe aqui.

— Verdade é, senhor, que a sua presença... acudiu Francisco d'Albuquerque.

— Não era esperada, mas é facil de explicar — interrompeu o francez. — Antes porém de o explicar, desejo saber de quem tenho a honra de ser commensal. A fallar a verdade eu devia ter feito esta pergunta logo que entrei: mas como sabia que n'esta cabana estavam dois fidalgos da casa do sr. Infante, e me vi tão bem recebido e agasalhado, tratei de comer antes de tudo, porque trazia fome de matar.

— Tem por commensaes, sr. Estevão de Castilho — disse Mendonça — dois homens que servem, como v. m. disse, o sr. Infante; e que, por o conhecerem como fiel criado da Rainha, o admitiram n'esta casa.

— Tenho idéa de já o haver encontrado, senhor... como é o seu nome? — perguntou Castilho atentando em Luiz de Mendonça.

— O meu nome é Luiz de Mendonça — respondeu este como impacientado: — e não é sem fundamento essa idéa que tem, porque duas vezes nos encontramos já.

— Aonde?

— Uma na *portaria das damas* do paço, onde me livrou, sr. Estevão de Castilho, das garras da sr.ª Agostinha, o terrivel dragão daquelle jardim de hesperides.

— Lembra-me, recordo-me disso. Ia v. m. com uma mensagem para Sua Magestade. E a outra vez que nos vimos foi...

— Dessa vez não nos vimos, encontramo-nos só. Foi no paço tambem, uma noite...

— De noite... — prorompeu o francez fazendo-se pallido.

— Na sala das *moças de lavor*...

— Onde estava só, senhor?

— Onde eu estava com Mademoiselle Ninon d'Amuraude.

Estevão de Castilho, de pallido que estava, passou a fulo de colera.

— E póde-se saber porque v. m. estava no paço a essa hora, na sala das *moças de lavor*, ás escuras com uma dama da rainha...

— Que é sua noiva, sr. Castilho — concluiu Luiz de Mendonça.

— Com quem eu estou para casar, é verdade — disse o criado da Rainha. — E é isso que explica a minha curiosidade agora.

— Pois sinto não poder satisfazer a sua curiosidade.

— Porque?

— É segredo da rainha, que se não póde revelar — respondeu Luiz de Mendonça, sorrindo quasi de um modo imperceptivel.

Castilho mordeu o beiço, a ponto de lhe espirrar o sangue; porém, para encobrir a colera que lhe sobia á cabeça e lhe toldava a vista, voltou-se para o capitão Francisco d'Albuquerque:

— E v. m., posso saber-lhe o nome? tem a bondade de me dizer quem é?

— Certamente que hei de ter essa bondade — respondeu rindo o capitão — quando nos disser o que o trouxe aqui, e como soube que nos encontrava nesta casa.

— Não tenho duvida em o dizer. Tambem estou iniciado nos segredos da rainha, mas a fidalgos, que servem fielmente o sr. Infante, não hesito em lhes contar o que sei. Vou com uma carta de Sua Magestade para o marechal Schomberg, que ha de tambem escrever para França ao visconde de Turenne sobre os negocios de Portugal: e Sua Alteza, a quem tive a honra de fallar hontem á noite, disse-me que não descançando no caminho encontraria aqui em Montemór, n'uma casa isolada fóra do povoado, os dois criados seus, que levavam para França as cartas da rainha. Eis aqui como eu soube que nesta casa acharia bom gasalhado para uma noite, e companhia para a jornada de ámanhã.

— Fallou hontem com Sua Alteza? — perguntou Francisco d'Albuquerque.

— Fui levar-lhe da parte da rainha — respondeu o francez, fixando os olhos em Mendonça — fui levar-lhe uma mensagem, que deu grande gosto ao Infante. Segredos, segredos de amor da rainha, que valem mais do que os segredos politicos de que alguem faz tão grande mysterio.

— Cada um guarda os segredos que lhe confiam, e cumpre assim o seu dever — acudiu Luiz de Mendonça. — Mas nem todos fazem assim; e ha até quem invente absurdos, impossiveis, para se gabar depois de possuir os segredos de quem, se os tivesse de tal natureza, lhos não confiaria de certo.

Estevão de Castilho era vaidoso, imprudente, leviano; a contradicção irritava-o, uma palavra severa punha-o fóra de si.

— Duvida da existencia dos amores da rainha com Sua Alteza? — perguntou elle, já cego de raiva.

— Duvido.

— Pois hontem levei eu, como lhes disse já, uma carta da rainha, minha senhora, a Sua Alteza, e dentro dessa carta, que Sua Alteza abriu diante de mim, iam... umas ligas azues, bordadas de oiro.

— Mente — bradou Luiz de Mendonça, pondo-se de pé, e agarrando com mão convulsa de colera uma das pistolas, que estavam sobre a meza.

O francez livido, hirto, com os olhos dilatados, com a voz afogada pela raiva, com um temeroso rugido, tirou do cinto uma adaga, e precipitou-se sobre Mendonça.

Francisco d'Albuquerque, que estava entre os dois adversarios, mal viu o perigo que corria o seu amigo, segurou Estevão de Castilho pelo meio do corpo, em quanto o jesuita desviava o braço de Mendonça, no momento em que este disparava a pistola, cuja bala foi cravar-se na parede, passando a dois palmos da cabeça do francez.

— Que loucura é esta! — bradou o capitão.

— Esqueceis que sois christãos? — acudiu o jesuita.

— Esta affronta... com sangue, com sangue se ha de lavar — balbuciou por fim o criado da rainha.

— N'um duello, mas não n'um assassinato — interrompeu Francisco d'Albuquerque.

— Pois seja n'um duello, e já — disse Luiz de Mendonça,

— A religião não consente... — ia o jesuita a dizer.

— A honra não consente que este duello fique para mais tarde! — rugiu o francez.

— E se um de vós morrer, quem ha de cumprir a missão, que lhe encarregaram os principes?

— O que sobreviver — respondeu Luiz de Mendonça, que tinha conseguido tornar-se senhor de si, e serenar um pouco o animo. — Francisco d'Albuquerque servir-nos-ha de padri

nho, e elle com aquelle de nós que ficar com vida dará comprimento ás ordens dos principes.

— Vamos, pois, vamos já — bradou o francez.

— Bater-vos-heis á espada — disse o capitão.

— Á espada — responderam os dois adversarios.

— Aqui?

— Lá fóra — disse Mendonça. — Está um luar claro como dia; temos luz bastante para nos matarmos á vontade.

O duello travou-se a pequena distancia da casa, n'um pradosinho de relva quasi seca, onde o luar dava de chapa; de modo que cada um dos combatentes podia seguir com os olhos os movimentos das espadas, em que por vezes parecia correr um raio de fogo. O combate durou apenas um minuto, mas esse pouco tempo pareceu ao capitão uma hora, porque a aflicção lhe confrangia o peito, e lhe tolhia a respiração. No fim uma estocada, que Estevão de Castilho não varreu a tempo, decidiu o duello: o francez caíu varado pela espada do seu adversario, dando um grito horrivel de dôr, de raiva, e de agonia.

— Está morto — disse para o seu amigo Francisco d'Albuquerque, pondo a mão sobre a ferida do francez, por onde o sangue saía em jorros e que ía direita ao coração. — Está morto. Agora vae tirar os cavallos para fóra da casa, em quanto eu me aposso das cartas da rainha para Schomberg. É preciso partirmos já, não nos venham encontrar aqui as patrulhas de Monte-Mór. Disse-me o jesuita, que está ahi aquartelado um esquadrão do regimento do Maré commandado pelo conde de Rosan.

Assim como ía fallando deste modo, o capitão, ajoelhado, buscava á pressa por debaixo da coira de anta que o francez tinha vestida a carta da rainha; e Mendonça no entretanto corria á casa, cuja porta o jesuita conservara aberta, e tirava para fóra os cavallos. No momento porém em que Francisco d'Albuquerque se levantava, já com a real carta, para ir ter com o seu companheiro, desembocaram de uma rua de Monte-Mór alguns soldados de cavallaria, correndo á redea solta. O perigo era eminente, e Francisco d'Albuquerque, cedendo ao primeiro impulso do animo assustado, deitou a correr para onde o estava esperando o seu companheiro com os cavallos: este movimento, porém, fez com que os soldados o descobrissem logo, e corressem sobre elle.

Mal tivéra tempo de dar alguns passos, e de gritar a Luiz de Mendonça que fugisse, o que fez sem hesitar, quando se viu cercado de soldados vociferando contra elle, e chamando-lhe assassino. Despedaçar a carta da rainha, e lançar os fragmentos no chão, de modo que os soldados os não vissem, foi o que o moço capitão fez primeiro: depois, tirando a espada e entregando-a ao chefe da patrulha, deixou-se conduzir para Monte-Mór, para onde os soldados levaram tambem o cadaver de Estevão de Castilho.

J. DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

GRANDE ILLUMINAÇÃO DO PASSEIO PUBLICO EM BENEFICIO DO ASYLO DA MENDICIDADE.

A caridade é sem duvida uma das mais sublimes, e mais santas virtudes do Christianismo, e bemaventurados aquelles que sinceramente se dedicam á pratica de tão sublime virtude!

Estendendo a mão caridosa aos desherdados da fortuna, enxugando as lagrimas aos infelizes que soffrem e gemem na miseria e no abandono, dando allivio e conforto aos que della necessitam, o homem pratica uma obra meritoria, nobre e honrosa, e experimenta ao mesmo tempo a mais suave consolação de que é talvez susceptivel o coração humano.

Os que vivem na abundancia, e no gozo de todos os bens sociaes, devem lembrar-se no meio dos prazeres e das commodidades que os cercam, que ha muitos infelizes, a quem a miseria, a enfermidade, ou a velhice opprime, e priva de ganharem o pão de cada dia para si e para os seus.

Recommendar, pois, um acto de beneficencia, erguer a voz em favor da pobreza, e contribuir por todos os meios ao nosso alcance para o allivio das classes desvalidas, é de certo uma missão honrosa e agradavel.

Vamos, por tanto, com o maior empenho estimular entre os habitantes desta capital o desejo de contribuirem para a grande esmola que a pobreza espera colher na proxima illuminação do Passeio. Vamos convidar todas as classes da sociedade sem distincção a tomar parte naquelle grandioso espectaculo, para o qual tem concorrido tantas despezas e tantos esforços, afim de que elle seja digna do publico, e corresponda ao santo fim a que é destinado.

Na grande carencia de recursos para a sustentação do Asylo da Mendicidade, a illuminação do Passeio levada a effeito no anno passado, foi, como já dissémos, um pensamento verdadeiramente feliz, e que muito honra o seu auctor que tão constantes provas tem dado do seu zelo e assiduidade em promover os interesses dos asylados.

Quiz a Providencia que aquella festa de caridade tivesse o exito mais feliz, deixando a todos satisfeitos por haverem gozado um espectaculo bello, maravilhoso, e inteiramente novo entre nós, e contribuido ao mesmo tempo para o augmento do patrimonio dos pobres. Porém, o mais importante sobre tudo, foi

que aquella festa agradou e popularisou-se por fórma tal, que, póde-se dizer, ficou constituindo um rendimento certo e avultado, com que todos os annos deve contar o Asylo da Mendicidade.

Tudo nos leva a crêr que a illuminação este anno será ainda mais brilhante e variada do que no anno passado, em que foi apenas um ensaio bem succedido.

Adoptar-se-hão todos os melhoramentos que a experiencia mostrou convenientes, em quanto que novos ornatos e accessorios virão engrandecer e abrilhantar aquelle espectaculo, tornando-o em tudo digno da concorrencia e agrado do publico.

Os srs. Rambois e Cinatti tomam parte este anno nos trabalhos e direcção da illuminação, e ocioso seria dizer quanto se espera de tão habeis artistas. Constanos que elles apresentarão um rico e magnifico transparente á entrada do Passeio, que deve produzir um effeito maravilhoso. Ao sr. Fonseca, distincto professor da nossa Academia das Bellas-Artes, tambem cabe parte nesta obra, sendo todas as figuras desenhadas e pintadas por elle, e com aquelle esmero e perfeição que sabe sempre imprimir nas suas producções.

Este concurso de circumstancias bastaria para nos assegurar desde já o melhor exito a esta funcção, se na infinidade de lindos e valiosos donativos, que de todos os lado affluem para os bazares, não tivessemos já uma prova evidentissima e irrefragavel de que o sentimento da caridade não está amortecido no peito dos habitantes desta capital.

Tivemos já occasião de vêr e examinar a maior parte dos premios offerecidos: seria mister fazer uma extensa relação ainda que nos limitassemos a citar tão sómente aquelles objectos que nos pareceram mais dignos de attenção. Além disto, não desejamos antecipar neste ponto a opinião do publico, e simplesmente diremos que os bazares apresentarão muito mais riqueza do que no anno passado, não só pelo maior numero como tambem pela maior variedade dos objectos, e que desde as augustas pessoas de SS. MM. até ás classes mais humildes do nosso povo, todos concorreram de bom grado com alguma prenda, pequena ou grande, de muito ou pouco valor, para adornar com ella os bazares dos pobres.

Compraz-nos registrar este proceder que caracterisa o nosso povo, e que tanto o honra, e cumprenos depois victoriar a idéa feliz que presidiu á instituição desta brilhante e tão proveitosa festa de caridade.

DEMETRIO RIPAMONTI.

NOTICIAS E COMMERCIO.

Colheita dos algodões. — No principio do corrente mez começaram a receber-se noticias certas sobre a colheita dos algodões nos Estados-Unidos; de modo que a somma de 2.800:000 balas, que se reputava exagerada, parece agora indubitavel, e até mesmo inferior á realidade. Facilmente se comprehende que em presença de semelhantes resultados se hajam sustentado com tanta difficuldade os preços, tanto nos pontos da producção como nos do consumo. As existencias, tão escassas no Havre e em Liverpool, vão tomando na actualidade muito incremento, e este será maior logo que cheguem áquelles pontos os navios carregados para esse destino. Não cabe duvida de que tamanha abundancia abaixa os preços; julgamos, porém que ha outra causa, igualmente forte, cujos effeitos cada vez mais se hão de experimentar. Ninguem ignora que hoje se emprega muito algodão em logar de lã nos tecidos, e por isso vemos poucas lãs nos mercados.

Perolas do Mar Pacifico. — As principaes pescarias de perolas neste mar fazem-se a 60 ou 70 milhas da cidade de Panamá no golpho do mesmo nome. Antigamente eram submettidas á legislação sobre as minas de oiro e prata e pertenciam ao dominio da coróa, a quem os pescadores pagavam a quinta parte do producto de seu trabalho.

Quando aquelles paizes se proclamaram independentes da Hespanha, a pescaria das perolas ficou livre, e até hoje assim se tem conservado.

As ilhas das Perolas, designadas nos mappas antigos com o nome de *islas del Rey* são 50 a 60, e a maior denomina-se de S. Miguel, onde está a cidade do mesmo nome, que tem pouco mais ou menos 1:500 habitantes, dos quaes 1:200 dedicam-se á pescaria das perolas, de que recolhem um valor que varia muito; sendo para notar que as conchas, que antigamente eram despresadas e não tinham preço, passaram a ser artigo importante de exportação, regulando annualmente por 900 a mil toneis no valor medio de 40,000 piastras.

O officio de pescador de perolas é ao mesmo tempo lucrativo e perigoso. O buzio ou mergulhador desce geralmente á profundidade de 3 a 7 braças, e tira de cada vez seis ou sete conchas. Não póde trabalhar senão com a maré vasia, por espaço de duas ou tres horas, durante as quaes mergulha doze ou quinze vezes. Os mais robustos permanecem debaixo d'agua 53 e até 61 segundos, a maior parte não pódem resistir por mais de 45 a 50 segundos; é erro crer que pódem aturar mergulhados por doze ou quinze minutos.

As ostras das perolas servem de alimento; os pescadores e habitantes daquellas ilhas as comem cruas ou cosidas; tem bom gosto e são conceituadas comida saudavel. O preço das perolas varia, em rasão da sua pureza, forma e pezo, de 10 a 5:000 piastras a onça: tem-se pago ás vezes de 500 a 1:500 piastras uma perola que não pezava mais da quinta parte de uma onça.

Uma companhia ingleza obteve ha annos o privilegio de pescar naquellas paragens com os sinos mergulhadores; porém, a desigualdade do fundo do mar foi causa de se frustrar a empreza. Desde então não se applicaram á pescaria das perolas nem maquinas nem aparelhos de casta alguma.

É indubitavel que no archipelago das ilhas del Rey existe quantidade consideravel; mas, a profundidade é tal que os buzios não pódem alcançal-a. Poderiam empregar-se com exito os aparelhos da navegação submarina, e seria facil obter do governo do paiz um privilegio exclusivo. Tal é pelo menos a opinião de

varias pessoas ricas e bem informadas de Panamá, nas quaes encontrariam os emprezarios europeus efficaz auxilio.

Cento e vinte e um annos bem aproveitados. — No archivo de uma parochia de Sevilha encontra-se este assento de obito. — Certifico que no livro que teve principio em 1760 a folhas 20 ha o assento seguinte: — «No 1.º de novembro de 1788 os beneficiados desta egreja sepultaram nella, no jazigo dos sacerdotes, o corpo do licenceado, D. João Manuel Ramirez Bustamante Calderon de la Barca, capellão desta santa egreja, de edade de 121 annos: fez testamento perante D. José Ortiz, tabellião publico desta cidade. Celebrou-se-lhe missa de corpo presente. E por ser digno de notar para perpetuar sua memoria se consigna o seguinte.

« Foi casado cinco vezes (seguem os nomes das mulheres) teve destes matrimonios 42 filhos e além delles 9 bastardos; era respeitavel de sua pessoa, homem capaz; e quando falleceu andava compondo um livro dos louvores da Santa Virgem; tinha sido frade de S. João de Deus; sabia sete linguas; ordenou-se de sacerdote aos 99 annos, e celebrou missa até o fim de seus dias Morreu de uma queda na portaria do convento de S. Francisco. Com a sua numerosa familia podia formar-se uma povoação de trezentos visinhos.

BIBLIOGRAPHIA.

Ainda que é muito pouco commum entre nós portuguezes o gosto de viajar; eu desde a minha mocidade nutri o desejo de ver o mundo, de sahir da minha patria, e do estreito da cidade e do paiz em que nasci. Tarde porém pude realisar o pensamento constante da minha vida. Contando 40 annos, parti de Lisboa em julho de 1850, na carreira para a China dos vapores inglezes da companhia oriental e peninsular, e dentro em 50 dias cheguei a Macáo, tendo visitado Cadiz e Gibraltar: atravessado o Mediterraneo; visto Malta e Alexandria; subido o Nilo; atravessado o deserto do Egypto; embarcado em Suez, e descido pelo Mar-Vermelho; tocado em Adem na Arabia, e em Ceylão; navegado pelo estreito de Malaca; visto Pinão e Singapura; e finalmente aportado a Hong-kong, e retrocedido para Macáo. Nesta cidade me demorei 16 mezes, durante os quaes visitei seus arredores, a cidade chineza de Cantão, e varios portos da costa da China até Shangai, na distancia de umas 300 legoas para o norte de Macáo. Daqui regressei para o reino na corveta *D. João I*, no fim do anno de 1851, e voltei por Singapura, e estreito de Malaca; desembarquei na cidade deste nome, tão celebre na historia da Asia portugueza; revi as costas da Taprobana; naveguei ao longo das do Malabar; visitei Gôa; segui para Moçambique: dobrei o Cabo da Boa-Esperança; aportei a Benguella, e a Loanda no reino de Angola; vi no archipelago dos Açôres o Fayal e S. Miguel, e particularmente nesta ultima ilha examinei varias das muitas cousas curiosas que contém, e finalmente em 18 de agosto de 1852 terminei esta longa e variada viagem, revendo a minha bella patria e cidade natal ao cabo de dois annos.

Resolvi-me a publicar os apontamentos desta viagem, por me parecer que serei nisso util a alguns dos meus concidadãos, que desejarem saber das circumstancias della, e ter algum conhecimento do estado actual dos logares que percorri: terão por titulo

APONTAMENTOS DE UMA VIAGEM DE LISBOA Á CHINA E DA CHINA A LISBOA.

Deter-me-hei particularmente sobre as nossas possessões, ainda tão importantes, e sobre as quaes idéas bem inexactas, e mesmo absurdas, correm entre muita gente. Fallarei das cousas, e das pessoas, que são tudo no ultramar, onde em grande parte as instituições e leis pouco ou nenhum vigor tem, onde quasi tudo é arbitrio, onde o espirito da maldade e da rapina muitas vezes campêa impune, dependendo geralmente do bom ou máo caracter das auctoridades, e pessoas influentes, o bem estar ou a desgraça dos povos. Direi a verdade tal qual a entendo, e por ella arrostarei odios e malquerenças.

Formará esta publicação um volume em 8.º francez, que se irá imprimindo ás folhas, e sahirão duas pelo menos em cada semana, pelo preço de 40 réis cada folha para os assignantes. Só se recebem assignaturas em Lisboa na loja de J. P. Martins Lavado, rua Augusta n.º 8, adiantadas por cada 12 folhas, e não se venderão avulsas.

Quaesquer assignantes do reino, ou do ultramar, que só queiram receber o volume completo, segurarão a sua assignatura com 480 réis, pagando a differença á entrega do volume aos seus correspondentes em Lisboa. As duas primeiras folhas serão publicadas nos principios do proximo mez de setembro.

Possuo já vistas de alguns logares das nossas possessões, espero outras, e tenciono fazel-as lithographar para serem incluidas no volume, e posteriormente se annunciará o seu custo para os assignantes que as queiram.

Lisboa 24 de agosto de 1852.

CARLOS JOSÉ CALDEIRA.

AVISO.

COLLECÇÃO DE PRODUCTOS DE DIFFERENTES NAÇÕES NA EXPOSIÇÃO DE LONDRES.

Esta collecção, feita pelo commissario portuguez, e por elle offerecida ao governo, se expõe ao exame do publico, todos os dias desde as dez horas da manhã até ás tres da tarde, na sala do theatro de D. Fernando.

Na rua dos Fanqueiros n.º 82, escriptorio de REVISTA UNIVERSAL, se dão os bilhetes de entrada.

CURSO GRATUITO DE LEITURA E ESCRIPTA REPENTINA.

no palacio do Sarmento á Estrella.

Declara-se que os bilhetes de admissão ao sabbado tem carimbo differente, e são em numero limitado.